

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO ESPECIAL - NOTURNO**

Gigliana Maitê da Rosa

**ALFABETIZAÇÃO DE ALUNOS COM DEFICIÊNCIA INTELECTUAL
NO ENSINO COMUM: UM ESTUDO SOBRE AS PRÁTICAS
PEDAGÓGICAS**

Santa Maria, RS, Brasil
2021

Gigliana Maitê da Rosa

**ALFABETIZAÇÃO DE ALUNOS COM DEFICIÊNCIA INTELECTUAL NO ENSINO
COMUM: UM ESTUDO DE CASO SOBRE AS
PRÁTICAS PEDAGÓGICAS**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao curso de Licenciatura em
Educação Especial - Noturno da
Universidade Federal de Santa Maria (UFSM,
RS), como requisito parcial para obtenção do
título de **Licenciada em Educação Especial**

Orientadora: Profª Drª. Taís Guareschi de Souza

Santa Maria, RS, Brasil
2021

Gigliana Maitê da Rosa

**ALFABETIZAÇÃO DE ALUNOS COM DEFICIÊNCIA INTELECTUAL NO ENSINO
COMUM: UM ESTUDO DE CASO SOBRE AS
PRÁTICAS PEDAGÓGICAS**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao curso de Licenciatura em
Educação Especial - Noturno da
Universidade Federal de Santa Maria (UFSM,
RS), como requisito parcial para obtenção do
título de **Licenciada em Educação Especial**

Aprovado em 16 de Agosto de 2021:

Taís Guareschi de Souza, Dra. (UFSM)
(Orientadora)

Glaucimara Pires Oliveira (UFSM)

Marcia Doralina Alves (UFSM)

Santa Maria, RS, Brasil
2021

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus, por ter me dado saúde e força para superar todas as dificuldades.

Aos meus pais Antônio e Lenize, meu marido Amauri, minha irmã Andriele, e minha amiga Rafaela. Aos meus amigos Daniel e Bernardete que no dia da chamada oral me deram uma carona para eu participar, se não eu não teria como me deslocar até Santa Maria. Ao meu cunhado Fernando que me levou para Santa Maria para entrega de alguns papéis que haviam ficado pra traz e demais amigos e familiares por todo amor, incentivo e apoio incondicional que sempre me deram.

A minha orientadora Tais Guareschi de Souza, que acreditou em mim, que me ouviu pacientemente as minhas considerações partilhando comigo as suas ideias, conhecimentos e experiências, e que sempre me motivou. Quero expressar o meu reconhecimento e admiração pela sua competência profissional e minha gratidão pela sua amizade, por ser essa profissional qualificada. Por ser essa pessoa maravilhosa que nós momentos difíceis me acalmava e dizia que daria tudo certo. Agradeço a Deus por ter colocado você professora no meu caminho e por ter sido minha companheira na construção desse projeto.

RESUMO

ALFABETIZAÇÃO DE ALUNOS COM DEFICIÊNCIA INTELECTUAL NO ENSINO COMUM: UM ESTUDO SOBRE AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS

AUTORA: Gigliana Maitê da Rosa
ORIENTADORA: Taís Guareschi de Souza

Esta pesquisa se constitui como trabalho de conclusão de curso, apresentado ao Curso de Licenciatura em Educação Especial Noturno. Tem como objetivo geral identificar as práticas pedagógicas desenvolvidas por professores do ensino comum no processo de alfabetização de alunos com deficiência intelectual. Como objetivos específicos, conhecer as práticas pedagógicas desenvolvidas no processo de alfabetização desses estudantes, bem como verificar a importância dessas práticas para favorecer o processo de alfabetização desses sujeitos. A metodologia deste trabalho tem como base a pesquisa bibliográfica de abordagem qualitativa. Na pesquisa bibliográfica, a investigação é realizada a partir de trabalhos científicos já elaborados e publicados, de 2016 até 2020, possibilitando conhecer e analisar o que já foi estudado sobre a temática pesquisada. A análise de dados evidenciou que as práticas desenvolvidas no processo de alfabetização de alunos com deficiência intelectual indicam a importância de flexibilizar o currículo, a relevância da psicomotricidade no processo de alfabetização e a importância de o aluno ser protagonista do ensino, sendo o construtor do seu próprio conhecimento, nas metodologias ativas. Dessa forma, esta pesquisa evidenciou a importância das práticas pedagógicas desenvolvidas no processo de alfabetização de alunos com deficiência intelectual. É preciso respeitar o tempo e o estilo cognitivo de cada estudante, pois nem todas as crianças aprendem da mesma maneira, com as mesmas estratégias de ensino.

Palavras-chave: Educação especial. Deficiência intelectual. Alfabetização. Práticas pedagógicas.

ABSTRACT

LITERACY OF STUDENTS WITH INTELLECTUAL DISABILITIES IN COMMON EDUCATION: A STUDY ON PEDAGOGICAL PRACTICES

AUTHOR: Gigliana Maitê da Rosa

ADVISOR: Taís Guareschi de Souza

This research constitutes a course conclusion work, presented to the Degree Course in Special Education at Night. Its general objective is to identify the pedagogical practices developed by regular school teachers in the literacy process of students with intellectual disabilities. As specific objectives, knowing the pedagogical practices developed in the literacy process of these students, as well as verifying the importance of these practices to favor the literacy process of these subjects. The methodology of this work is based on bibliographical research with a qualitative approach. In bibliographical research, the investigation is carried out from scientific works already prepared and published, from 2016 to 2020, making it possible to know and analyze what has already been studied on the researched topic. Data analysis showed that the practices developed in the literacy process of students with intellectual disabilities indicate the importance of making the curriculum more flexible, the relevance of psychomotricity in the literacy process and the importance of the student being the protagonist of teaching, being the builder of its own knowledge, in active methodologies. Thus, this research highlighted the importance of pedagogical practices developed in the literacy process of students with intellectual disabilities. It is necessary to respect the time and cognitive style of each student, as not all children learn in the same way, with the same teaching strategies.

Keywords: Special Education. Intellectual disability. Literacy. Pedagogical practices.

SUMÁRIO

1-INTRODUÇÃO.....	8
2- CAMINHOS METODOLÓGICOS.....	12
3- REVISÃO DE LITERATURA.....	15
3.1 – Um olhar sobre a deficiência intelectual e sobre a inclusão escolar.....	15
3.2- Alfabetização e práticas pedagógicas.....	19
4- ANÁLISE DE DADOS.....	23
4.1 – As práticas pedagógicas desenvolvidas no processo de alfabetização de alunos com deficiência intelectual.....	23
4.2 - A importância das práticas pedagógicas para favorecer o processo de alfabetização de alunos com deficiência intelectual.....	27
5- CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	30
6- REFERÊNCIAS.....	32

1. INTRODUÇÃO

É pertinente iniciar esta escrita relatando a trajetória de como me constitui enquanto pessoa e os caminhos que me levaram a esta pesquisa. Sempre tive o apoio de minha família para estudar. Somos três irmãos, eu sendo a mais nova e a única a seguir os estudos. Cursei o Ensino Fundamental em uma escola da rede municipal da cidade de Agudo/RS e o Ensino Médio em uma instituição da rede pública estadual da mesma cidade.

Apesar do incentivo de meus familiares para estudar, não teria condições para pagar um curso superior. No entanto, sempre sonhei cursar o Ensino Superior na Universidade Federal de Santa Maria - UFSM. Em 2015, realizei o Exame Nacional do Ensino Médio - Enem para Educação Especial e, como segunda opção, Terapia Ocupacional, mas não consegui ser aprovada, ficando na 21ª colocação.

Certa manhã meu celular toca e era minha amiga de infância, a qual também havia feito o Enem, e esperava por uma vaga na UFSM. Ela me informou que haveria chamada oral na UFSM e teria uma vaga para o curso de Licenciatura em Educação Especial-Noturno. Mandou-me uma foto dos documentos necessários e os providenciei o mais rápido possível, pois ainda precisaríamos nos locomover para Santa Maria. Os pais dela nos levaram e lá passamos o dia, até chegar a chamada do meu curso. Na hora realmente estava desanimada, pois havia vinte pessoas colocadas na minha frente. Imaginava que uma delas seria chamada ou que estaria na chamada oral, jamais pensei que eu seria a única que havia comparecido naquele dia. Até hoje ficou aquela voz na minha cabeça... E a pessoa que estava chamando disse: "Educação Especial - Noturno uma vaga e apenas uma pessoa compareceu". Na hora não sabia o que fazia e a minha amiga disse: "Gi é tu". E realmente era eu. Em agosto de 2016 iniciei o curso, e desde o princípio do curso, precisei trabalhar e viajava diariamente de Agudo até a Universidade.

O interesse pela temática da alfabetização surgiu antes do ingresso no curso de graduação, quando passei a auxiliar minha prima a realizar as tarefas da escola. Na época, ela cursava o segundo ano do Ensino Fundamental em uma escola da rede municipal de Agudo/RS e eu acreditava que ela possuía muitas dificuldades no processo de construção da leitura e escrita, sendo necessário repetir algumas vezes

a explicação das atividades. Essa vivência foi bastante significativa e me fez perceber o quanto gostava da área da alfabetização.

Esse interesse continuou a crescer durante a graduação, pois em várias situações me deparava com professores da rede municipal de ensino que defendiam a alfabetização de alunos com deficiência intelectual, como também outros que discordavam da mesma. Diante desses fatos meu olhar se voltou para a temática a ser desenvolvida neste estudo: “as práticas pedagógicas e a alfabetização de alunos com deficiência intelectual no ensino comum”.

Tendo em vista o tema apresentado, é importante considerar os pressupostos teóricos de Emília Ferreiro sobre o processo de alfabetização. Ferreiro (1999, p. 47) afirma que “a alfabetização não é um estado ao qual se chega, mas um processo cujo início é na maioria dos casos anterior a escola e que não termina ao finalizar a escola primária”. A autora defende que de todos os grupos educacionais, as crianças são as mais fáceis de alfabetizar, pois estão em um processo contínuo de aprendizagem e cada passo é uma descoberta. Neste estudo, parto da premissa de que a alfabetização é importante no processo de aprendizagem dos sujeitos com deficiência intelectual, inseridos no ensino regular, e de que as práticas pedagógicas podem favorecer o aprendizado de maneira determinante. Esses alunos possuem os mesmos direitos que os demais de receber um ensino de qualidade e que possa respeitar as especificidades de cada um.

A partir da Política de Educação Especial na perspectiva de Educação Inclusiva (2008) houve um aumento no número de matrículas de alunos com Deficiência Intelectual nas escolas. Esses alunos começaram a ter de maneira mais significativa acesso ao ensino regular juntamente com os demais da classe. Sabe-se que anterior a 2008 esses alunos eram atendidos em espaços especializados em que eram inseridos somente alunos com deficiência, ou aqueles considerados “anormais”.

A educação inclusiva diz respeito a todas as pessoas, sem exceção. Ou seja, todos os alunos, com ou sem deficiência, têm direito ao acesso à matrícula, à participação em todas as atividades da escola e à aprendizagem.

Os desafios inerentes ao processo de alfabetização desses alunos passaram a angustiar os professores, mesmo tendo o apoio da escola. No contexto da educação

inclusiva, o foco é sempre em suas potencialidades. Se, por um lado, a proposta curricular deve ser uma só para todos os estudantes, por outro, é imprescindível que as estratégias pedagógicas sejam diversificadas, com base nos interesses, habilidades e necessidades de cada um. Só assim se tornará viável a participação efetiva, em igualdade de oportunidades, para o pleno desenvolvimento de todos os alunos, com e sem deficiência.

Considerando os pressupostos apresentados, interessei-me em pesquisar sobre as práticas pedagógicas desenvolvidas no processo de alfabetização de alunos com deficiência intelectual incluídos no ensino regular. Diante disso, este trabalho de conclusão de curso tem como problema de pesquisa: Quais práticas pedagógicas têm sido desenvolvidas por professores do ensino comum no processo de alfabetização de alunos com deficiência intelectual?

A partir desse questionamento elenco como objetivo geral: Identificar as práticas pedagógicas desenvolvidas por professores do ensino comum no processo de alfabetização de alunos com deficiência intelectual.

Ainda, menciono como objetivos específicos:

- Conhecer as práticas pedagógicas desenvolvidas no processo de alfabetização de alunos com deficiência intelectual;
- Verificar a importância das práticas pedagógicas para favorecer o processo de alfabetização de alunos com deficiência intelectual.

Assim sendo, este estudo tem a intenção de construir uma reflexão a respeito da alfabetização de alunos com deficiência intelectual no ensino comum, a fim de promover práticas pedagógicas para auxiliar no processo de inclusão educacional.

Esta escrita está organizada em dois momentos. No primeiro momento apresentarei os caminhos metodológicos de minha pesquisa e, em segundo momento, trarei o referencial teórico que embasará o estudo, após seguirei com a análise de dados onde apresento duas categorias: as práticas pedagógicas desenvolvidas no processo de alfabetização de alunos com deficiência intelectual e a segunda, a importância das práticas pedagógicas para favorecer o processo

de alfabetização de alunos com deficiência intelectual. Em seguida, as considerações finais e as referências.

2. CAMINHOS METODOLÓGICOS

O presente estudo tem como problema de pesquisa: Quais práticas pedagógicas têm sido desenvolvidas por professores do ensino comum no processo de alfabetização de alunos com deficiência intelectual? Com isso busco investigar as práticas desenvolvidas e sua importância para favorecer o processo de alfabetização desses sujeitos.

Tendo em vista o problema delimitado, a metodologia desta investigação será a pesquisa bibliográfica de abordagem qualitativa. Segundo Vergara apud Oliveira (2011, p. 40):

A pesquisa bibliográfica é desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído, principalmente, de livros e artigos científicos e é importante para o levantamento de informações básicas sobre os aspectos direta e indiretamente ligados à nossa temática. A principal vantagem da pesquisa bibliográfica reside no fato de fornecer ao investigador um instrumental analítico para qualquer outro tipo de pesquisa, mas também pode esgotar-se em si mesma.

Optei por essa metodologia, pois a pesquisa é produzida a partir de trabalhos científicos já elaborados e publicados, possibilitando conhecer e analisar o que já foi estudado sobre a temática deste TCC.

Em relação à abordagem qualitativa, Triviños (1987) apud Oliveira (2011, p. 24) afirma que:

a abordagem de cunho qualitativo trabalha os dados buscando seu significado, tendo como base a percepção do fenômeno dentro do seu contexto. O uso da descrição qualitativa procura captar não só a aparência do fenômeno como também suas essências, procurando explicar sua origem, relações e mudanças, e tentando intuir as consequências.

Escolhi a abordagem qualitativa para o estudo, pois auxilia no aprofundamento da minha temática. Esse tipo de pesquisa busca compreender os fenômenos sociais, o que vem ao encontro dos objetivos desta investigação.

Para a realização da pesquisa bibliográfica delimito como material de análise somente artigos publicados em revistas científicas, tendo em vista os limites de uma

pesquisa de Trabalho de Conclusão de Curso. Dessa forma, efetuei a busca no Google Acadêmico, plataforma que permitiu encontrar um número significativo de produções para a análise. Em um primeiro momento, realizei a pesquisa com os seguintes descritores: deficiência intelectual, alfabetização e práticas pedagógicas. Nessa primeira pesquisa foram encontrados mais de trinta mil trabalhos publicados, fato que, evidentemente, inviabilizaria a operacionalização da análise de dados.

No intuito de reduzir o número de publicações, realizei novamente a “Pesquisa Avançada” do Google Acadêmico, com os três descritores, no entanto escolhi a opção de que essas palavras deveriam aparecer no título do trabalho. Com esses critérios apareceram três produções, sendo somente um artigo publicado em revista, o que limitaria demasiadamente a pesquisa.

Em seguida, efetuei a busca apenas com os descritores *alfabetização* e *deficiência intelectual*. Nessa primeira pesquisa, foram encontrados mais de cinquenta mil resultados e, a fim de reduzir esse número, utilizei como filtro o critério de que essas palavras deveriam constar no título. Além disso, delimito somente as publicações dos últimos cinco anos, ou seja, no período de 2016 a 2020. Com isso localizei vinte e seis trabalhos, entre teses, dissertações, artigos e trabalhos de conclusão de curso. Destes, selecionei apenas os artigos publicados em revistas científicas. O próximo passo foi realizar leitura dos resumos e, após essa apreciação inicial, escolhi três trabalhos para efetuar a análise de dados, cujas temáticas se adequavam à intenção desta pesquisa.

A seguir apresento o Quadro 1, com o material analisado.

Quadro 1: Artigos científicos selecionados para a Análise de Dados

NOME DO TRABALHO:	AUTOR (ES):	ANO DE PUBLICAÇÃO:	FORMAÇÃO DOS AUTORES:
Alfabetização de alunos com deficiência	Mirian Célia Castellain	2018	Mirian Célia Castellain Guebert Pontíficia

<p>intelectual: Um estudo sobre estratégias de ensino utilizadas no ensino regular.</p>	<p>Guebert</p>		<p>Universidade Católica do Paraná – PUCPR</p>
<p>Inclusão educacional: relação entre experiências psicomotoras e o processo de alfabetização de crianças com deficiência intelectual</p>	<p>Giselda Jordão Carvalho; Lênia Márcia Gonçalves.</p>	<p>2019</p>	<p>Giselda Jordão de Carvalho, licenciada e bacharel em Psicologia - UNICEUB (1990), Mestre em Educação pela Universidade Católica de Brasília</p> <p>Lênia Márcia Gonçalves, licenciada e bacharel em Psicologia - UNICEUB (1989), Especialista em Teoria Psicanalítica pela Universidade de Brasília (2001), Especialista em Psicopedagogia pelo Conselho Regional de Psicologia /DF (1992), Especialista em Psicologia do Esporte da UNINTER (2017). Mestranda em Desenvolvimento Humano e Saúde (UnB).</p>
<p>Alfabetização de alunos com deficiência intelectual a partir de metodologias ativas.</p>	<p>Édna Leandro da Silva; Nelson Dias.</p>	<p>2019</p>	<p>Édna Leandro da Silva. Mestranda do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, graduada em Pedagogia (UFMS), Especialista em Psicopedagogia Institucional Clínica e Educação Especial.</p> <p>Nelson Dias. Profº Mestre e Doutorando em Ensino de Ciências pelo Programa de Pós graduação em Ensino de Ciências da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Professor de LIBRAS na</p>

			Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.- UFMS - Campus Ponta Porã, graduado em Ciências Biológicas (UFMS).
--	--	--	---

Fonte: Autora.

Os trabalhos selecionados, descritos no Quadro 1, foram lidos na íntegra e examinados, considerando-se os objetivos geral e específicos desta pesquisa. Como metodologia de análise de dados utilizei a análise de conteúdo, estabelecendo, a priori, duas categorias: 1- As práticas pedagógicas desenvolvidas no processo de alfabetização de alunos com deficiência intelectual; 2- A importância das práticas pedagógicas para favorecer o processo de alfabetização de alunos com deficiência intelectual.

A análise de conteúdo é um conjunto de técnicas de exploração de documentos, que procura identificar os principais conceitos ou os principais temas abordados em um determinado texto. O objetivo final da análise de conteúdo é fornecer indicadores úteis aos objetivos da pesquisa. O pesquisador poderá, assim, interpretar os resultados obtidos relacionando-os ao próprio contexto de produção do documento e aos objetivos do indivíduo ou organização/instituição que o elaborou. BARDIN, 1977, p.30)

Em seguida apresento a minha revisão de literatura, as quais dividi em dois subcapítulos, sendo que no primeiro trarei de conceitos e autores para definir a deficiência intelectual e a inclusão e no segundo abordarei a alfabetização e as práticas pedagógicas para auxiliar no processo de aprendizagem dos sujeitos com DI.

3. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

3.1 Um olhar sobre a deficiência intelectual

De acordo com a AAIDD - Association of Intellectual and Developmental Disability (2010), a Deficiência Intelectual se caracteriza por limitações significativas tanto no funcionamento intelectual quanto no comportamento adaptativo, sendo expresso nas habilidades adaptativas conceituais, sociais e práticas. Além disso, essa deficiência se origina antes dos 18 anos de idade.

Historicamente a Deficiência Intelectual foi nomeada por diversas terminologias, tais como: retardo mental, idiotia, mongolismo, imbecilidade, entre outros. Ainda se utiliza na literatura recente a terminologia Deficiência Mental, sendo que Veltrone e Mendes (2013) afirmam que essas transformações na nomenclatura não possuem relevância na maneira como esses sujeitos são vistos pela sociedade, pois também são seres capazes de se "desenvolver e aprender assim como os demais" (VELTRONE; MENDES, 2013, p. 71).

Apesar de já sabermos e reconhecemos que possui duplicidade na terminologia, quando examinamos a produção acadêmica brasileira, a tendência predominante é de uma substituição do termo deficiência mental por deficiência intelectual, como se fossem sinônimos, o que parece indicar que esse último termo passa a ser considerado o mais adequado ou mais atualizado.

O conceito de deficiência intelectual chegou através de um documento aprovado pela Declaração de Montreal, que assim dizia:

A deficiência intelectual, assim como outras características humanas, constitui parte integral da experiência e da diversidade humana. A deficiência intelectual é entendida de maneira diferenciada pelas diversas culturas o que faz com a comunidade internacional deva reconhecer seus valores universais de dignidade, autodeterminação, igualdade e justiça para todos. (MONTREAL, 2004)

Vigotski (1997) apud Mesquita (2015) considera que a Pedagogia tende a diminuir o ensino para a criança com deficiência intelectual a partir do momento em que as atividades são limitadas somente ao treino sensório-motor, da visão, da audição, diferenciação de cores, dentre outras. Esse ensino acaba deixando de lado atividades que exijam o esforço do pensamento abstrato. É como se essa criança, por ter um comprometimento cognitivo, não conseguisse construir aprendizagens que não sejam baseadas no pensamento concreto. O autor considera, que pelo fato da criança ter deficiência intelectual ela apresenta dificuldades no domínio dos conhecimentos abstratos, no entanto a escola e os professores devem tentar desenvolvê-los por todos os caminhos possíveis. Muitas vezes se essa criança possui um laudo de deficiência intelectual, é rotulada como uma aluna que não aprende, mas, frequentemente, não se buscam caminhos possíveis ou se procura trabalhar suas especificidades.

Para Vigotski (1997), a criança com deficiência não é simplesmente uma criança menos desenvolvida, se for comparada com qualquer outra criança, mas seu desenvolvimento acontece de outro modo. Seus fundamentos têm como base o fato de que as leis gerais de desenvolvimento são as mesmas para todas as crianças com e sem deficiência. Já o desenvolvimento dessa criança com deficiência é diferente da aprendizagem daquelas que são ditas como “anormais”. Pois elas com suas especificidades também podem desenvolver seus potenciais, mas em tempo e modo diferente das outras crianças sem deficiência.

Os autores Vieira e Borges (2017) relatam a história de um menino, o qual era diagnosticado com deficiência intelectual, e por esse motivo era deixado de lado em sala de aula, recebia atividades diferentes dos demais da classe e a professora não dava a atenção de que ele precisava. Era um menino agitado, não conseguia permanecer na sala de aula, pois não achava aquele lugar interessante. Em um trabalho colaborativo, que a professora da sala regular juntamente com a professora da sala de recursos fizeram para ele, começou a se interessar e foi aos poucos mostrando sua capacidade e seu potencial. Com isso podemos notar o quanto é importante sabermos trabalhar as especificidades desses sujeitos. Não é a deficiência que o impede de aprender, sendo que as estratégias pedagógicas utilizadas pelos professores serão determinantes em seu processo de ensino-aprendizagem.

Em termos educacionais, atualmente, a “Política Nacional de Educação Especial na perspectiva da Educação Inclusiva” (PNEE-EI), do Ministério da Educação (MEC), que foi publicada em 2008, vem garantindo a inclusão escolar de alunos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento, altas habilidades/superdotação. Garcia (2008) nos diz que, a partir dos anos 1990, políticas no âmbito da educação foram realizadas sobre a necessidade da “Educação para todos”. Desde essa década, vários países entraram em consenso sobre a universalização da educação, como bandeira política da educação básica. No conjunto desses debates a educação dos sujeitos com deficiência vem sendo sinalizada.

Nos dias atuais, pode-se salientar que o Brasil tem uma legislação avançada no que se refere à proposta de uma educação para todos. É possível observar essa questão em documentos como a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (nº

9394/96) e a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (2008), além das diretrizes da Declaração de Salamanca e da Convenção da Guatemala, das quais o Brasil é signatário. Esses documentos têm dado suporte ao incremento de outras ações que possibilitam o acesso e a permanência dos sujeitos com deficiência na escola comum.

Na Declaração de Montreal, o eixo principal está em reafirmar o direito das pessoas com deficiência intelectual. Ao mesmo tempo em que assume e divulga a nova terminologia - deficiência intelectual há uma exaltação, um clamor, para o cumprimento dos direitos das pessoas que vivem essa condição.

Mesquita (2015, p. 47), em sua dissertação, discorre sobre a lei e sobre a permanência desses sujeitos em sala de aula, que tem sido um grande desafio para os professores: No entanto, de acordo com Drago (2013), o fato de a LDB nº 9394/1996 estabelecer o acesso e a permanência na escola comum das pessoas com deficiência, aquelas que têm deficiência intelectual e transtornos globais do desenvolvimento enfrentam muitas barreiras para serem incluídas nas salas comuns em todos os níveis da educação. Essas barreiras talvez estejam ligadas, por exemplo, à crença de que tais sujeitos não aprendem.

Devemos pensar um pouco mais na vida desses alunos com deficiência, pois eles não permanecerão todo o tempo da sua vida na escola. Sabemos que eles possuem seu lugar, uma vez que a lei estabelece o acesso deles em sala de aula. Porém, muitas vezes, isso está sendo um desafio muito grande para os professores, uma vez que não estão preparados. Precisamos quebrar preconceitos e acreditar nas possibilidades desses sujeitos, respeitando os seus valores e suas especificidades.

A inclusão da criança com necessidades educacionais especiais favorece a participação no meio coletivo, o que contribui para a aprendizagem. Desse modo, todos os recursos utilizados como forma de flexibilização do currículo podem fazer com que a criança aprenda o mesmo conteúdo ensinado a todos. Vigotski (1997, p. 140) apud Mesquita (2015, p. 136) registrou sobre isso, ressaltando que:

De este modo, vemos que la conducta colectiva del niño no solo activa y adiestra sus funciones psicológicas, sino que es el origen de una forma de conducta completamente nueva, la cual surgió en el período histórico de desarrollo de la humanidad y que en la estructura de la personalidad se presenta como función psicológica superior. La colectividad es la fuente del desarrollo de estas funciones, en particular, en el niño mentalmente retrasado.

A educação inclusiva é uma aposta que toda pessoa aprende, independentemente de ter ou não deficiência. No entanto, cada um tem seu modo de aprender e suas especificidades, que devemos respeitar. O processo de aprendizagem de cada pessoa é singular, cada sujeito aprende de um jeito.

3.2- Alfabetização e práticas pedagógicas no ensino comum de alunos com Deficiência Intelectual

A alfabetização é um processo fundamental na escolarização das crianças. O professor é o mediador principal na colaboração dessa etapa, desse processo de aprendizagem. Falar em alfabetização sempre é um desafio, pois é um processo de construção de conhecimento que passa por vários níveis, e que, aos poucos, o aluno vai construindo. É natural que existam diferentes níveis de aprendizagem em uma classe de alfabetização.

“[...] alfabetização é a ação de alfabetizar” e alfabetizar por sua vez “é tornar o indivíduo capaz de ler e escrever”. Durante muito tempo, pensou-se que, codificar e decodificar o código eram o suficiente para caracterizar um indivíduo como ‘alfabetizado’ e que o educador era o único responsável por transmitir para o aluno o conhecimento sobre o código alfabético (RIOS, 2015, p. 2837)

Como a autora afirma, por muito tempo pensou-se que somente o educador era responsável por transmitir o conhecimento aos alunos, mas podemos observar que as crianças aprendem muito umas com as outras. Além disso, é possível constatar que a criança que interage com o ambiente vai construindo novos significados e brincando constroem conhecimentos.

Alfabetização e letramento são conceitos distintos, pois não há como dissociar o processo de alfabetização do de letramento. A alfabetização podemos entender como a capacidade individual da aquisição da leitura e da escrita, ou seja, é o processo de aprendizagem. Por sua vez, o letramento implica no desenvolvimento do uso social da leitura e da escrita de forma competente.

Os professores devem buscar práticas pedagógicas que oportunizem a construção do conhecimento desses sujeitos. Criar estratégias que busquem ter um olhar criativo e inovador sobre a aprendizagem desse sujeito, para ter um resultado positivo no processo de alfabetização. Essa mudança poderia trazer novas possibilidades para a educação.

Afinal de contas, o que é uma prática pedagógica?

As práticas pedagógicas incluem desde o planejamento como também a organização da dinâmica dos processos de aprendizagem até a caminhada no meio de processos que ocorrem para além da aprendizagem. De forma que possa garantir o ensino de conteúdos e atividades que são considerados fundamentais para o aluno, e, por meio desse processo, criar nos alunos mecanismos de mobilização de seus saberes anteriores construídos em outros espaços educativos. Ou seja, buscar instigar o aluno a trazer conhecimentos já construídos em outros espaços pedagógicos da escola ou de alguma instituição que ele frequenta.

Franco (2016) afirma que as práticas não são exclusividade do professor, mas permeiam outras esferas, como a escola, o sistema educativo e o sistema social.

Em relação à construção da leitura e da escrita dos alunos com deficiência intelectual, é um processo que exige que o professor utilize várias práticas pedagógicas, usando dessas práticas para deixar esse momento marcado na memória do aluno. Portanto, é essencial que tais estratégias sejam desenvolvidas de diferentes maneiras, de forma que o ensino proporcione ao aluno melhor interação, participação e desenvolvimento em atividades propostas, possibilitando-lhe o acesso ao conhecimento.

É importante lembrar que o sujeito ao chegar à escola possui conhecimento, mesmo que ainda não saiba ler nem escrever, porque fora do ambiente escolar, ele reconhece placas, rótulos, embalagens, letreiros, etc. Isso faz parte da sua vida no dia-a-dia e, embora não esteja alfabetizado está em processo inicial de letramento e está construindo seu conhecimento.

Freire (1996, p. 25) afirma que “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar possibilidades para a sua produção ou construção”. Complementando com essa ideia, Behrens (2011, p. 55) enfatiza que “o ensino como produção de conhecimento propõe enfaticamente o envolvimento do aluno no

processo educativo” . Baseando-se nas afirmações acima, torna-se evidente que a prática pedagógica ocorre através de uma reflexão crítica ao ensino bancário. O que se espera alcançar, enquanto professor: um indivíduo capaz apenas de reproduz o que lhe é ensinado ou um ser crítico, reflexivo e criativo, capaz de transformar a realidade na qual está inserido? (RIOS, 2015, p. 2841-2842)

A autora nos traz uma reflexão sobre qual sujeito queremos que nossos alunos se tornem, aquele que apenas reproduzem o que lhe foi transmitido, ou aquele aluno que interroga, pergunta se tiver dúvida, sabe criar novas possibilidades de resposta, mostre possibilidades criadas por ele. Por isso o desenvolvimento das práticas pedagógicas no processo de alfabetização é um desafio. Devemos motivar esses sujeitos no processo da aquisição da leitura e da escrita, pois quando motivados se envolvem mais e envolvem seus colegas. Em relação às práticas pedagógicas Rios (2015, p. 2842-2843) afirma que:

Há aquelas que possibilitam meios para que as crianças construam o conhecimento junto com o educador, e há outras que distanciam as crianças do aprendizado, tornando-as meros espectadores. Isto não se trata de um método novo de alfabetização, mas sim da maneira pela qual a escrita é introduzida. É necessário rever as práticas e pensar na criança como alguém capaz de aprender. A prática pedagógica é, em suma, a ação realizada pelo docente em sala de aula, focando o aprendizado do educando.

Dessa forma, segundo a autora, há práticas pedagógicas em que o professor transmite conhecimento e outras que podem proporcionar momentos nos quais os alunos possam aprender um com o outro. É preciso considerar que cada aluno aprenderá em seu tempo.

No entanto, ao se tratar de processos de ensino e de aprendizagem de pessoas com deficiência intelectual, algumas especificidades do referido processo, assim como a sua relação com o letramento, merecem ser consideradas. O aluno com deficiência intelectual também deve se apropriar da alfabetização por meio do letramento de maneira que também se desenvolva social e linguisticamente.

A escola é o lugar onde a criança vai estabelecer uma interação grupal, além da família, com a qual já possui contato diário. Assim, poderão utilizar o espaço da

sala de aula para a realização de atividades que possibilitam diálogo entre os colegas, cada qual com seu conhecimento, e uma aprendizagem compartilhada. Dessa forma, os colegas também podem ser mediadores no processo de construção da leitura e escrita das pessoas com deficiência intelectual.

4. ANÁLISE DE DADOS

A análise de dados foi operacionalizada por meio da análise de conteúdo. Através da apreciação dos três artigos científicos foi possível estabelecer duas categorias de análise: as práticas pedagógicas desenvolvidas no processo de alfabetização de alunos com deficiência intelectual e, como segunda categoria, a importância das práticas pedagógicas para favorecer o processo de alfabetização de alunos com deficiência intelectual.

4.1 - As práticas pedagógicas desenvolvidas no processo de alfabetização de alunos com deficiência intelectual

No contexto da educação inclusiva o processo de alfabetização dos alunos com deficiência intelectual tem se constituído um desafio para os professores. Nesse sentido, é importante conhecermos as práticas pedagógicas desenvolvidas pelos docentes nas escolas, a fim de sistematizarmos esses conhecimentos e experiências.

O primeiro artigo analisado, Guebert (2018), trata sobre as práticas da alfabetização de alunos com Deficiência Intelectual, mais especificamente, sobre as estratégias de ensino utilizadas no ensino regular. Segundo Guebert (2018), a criança com deficiência deseja e necessita aprender a construir conhecimentos que lhe possibilitem efetivamente ocupar seu espaço na sociedade em todos os seus aspectos.

Carvalho (2004) e Pacheco (2007) apud Guebert (2018), indicam que, para um rendimento escolar satisfatório, esses alunos necessitam de estratégias, bem como a organização curricular diferenciadas, podendo essas utilizar de adaptações curriculares que considerem as características cognitivas dos alunos.

Guebert (2018, p. 283) afirma que não se trata de um novo currículo, mas sim um currículo “dinâmico, com planificações pedagógicas e ações eficazes dos docentes”, tendo como critérios para essa adaptação: o que o aluno deve aprender; como e quando aprender; que formas de organização do ensino são mais eficientes para o

processo de aprendizagem; como e quando avaliar o aprendiz (BRASIL. MEC, 1998, p.33).

Trata que o desenvolvimento do aluno na sala de aula é de responsabilidade de todos os envolvidos na gestão, considerando que é fundamental o aluno aprender o conteúdo elaborado para que a escola cumpra com sua função social e curricular para que os envolvidos possam obter sucesso em sua escolarização.

Nesse sentido, para Carvalho (2000), as adaptações curriculares são encaradas como as modificações realizadas pelos professores, de um lado intencionalmente organizadas e, por outro, de forma quase que espontânea a dinâmica de ações que envolvem a prática docente na sala de aula, visando responder às necessidades de cada estudante. Um currículo flexível e aberto às adaptações é condição fundamental para atender as necessidades educativas de qualquer aprendiz em condição para equalização das oportunidades a todos que buscam a escola de qualidade.

De acordo com Vigotski (1997) apud Guebert (2018), tanto as crianças com deficiência quanto as demais deveriam ter a educação de forma integrada, pois, dessa forma, poder-se-ia contribuir para o desenvolvimento dessas últimas por meio da compensação.

O segundo artigo analisado, que tem como autoras Carvalho e Gonçalves (2019), trata sobre a importância das práticas envolverem a psicomotricidade no processo da alfabetização.

Muitas vezes por essa criança ou aluno ter dificuldades de motricidade, é privada de explorar e vivenciar espontaneamente sua expressão corporal. Essa criança necessita ser estimulada para participar de atividades em sala de aula, principalmente de atividades lúdicas, que potencializam suas habilidades psicomotoras. As autoras salientam que é por meio dessa vivência corporal que a criança integra corpo, mente e movimento.

Wallon foi um dos pioneiros no reconhecimento do papel fundamental da motricidade e no desenvolvimento humano. Ele a relaciona aos aspectos cognitivos e afetivos, contextualizados em um meio social. O autor entende que é pelo corpo

que a criança estabelece suas primeiras comunicações com o mundo (WALLON apud OLIVEIRA, 2015).

Carvalho e Gonçalves (2019) afirmam, com base em Fonseca (2010), que a psicomotricidade é reconhecida como um campo de estudo científico transdisciplinar que tem como foco a investigação da relação dialógica e bidirecional entre o psiquismo, corpo e motricidade dos indivíduos. Ela leva em consideração suas características biopsicossociais dos sujeitos. Assim, este termo, segundo Fonseca (2010), é compreendido como o conjunto de expressões corporais, gestuais e motoras, que o corpo pode suportar, ou seja, é a reação do corpo humano.

Ressalta-se, dessa forma, a importância da motricidade para o desenvolvimento da criança, bem como as oportunidades e estímulos a serem oferecidos a cada criança em todas as etapas do seu processo de desenvolvimento e aprendizagem.

A afirmação de que “os aprendizados escolares básicos são exercícios psicomotores” foi feita por Picq e Vayer (1988, p. 20). Para os autores, o desenvolvimento psicomotor da criança condiciona a aprendizagem da leitura, escrita e do ditado. As dificuldades psicomotoras na criança com deficiência intelectual são frequente, sendo assim contribuem de maneira marcante para suas dificuldades de aprendizagem e letramento.

Neste sentido torna-se fundamental que a escola inclusiva contemple em seu currículo as bases psicomotoras, em todos os seus aspectos, no fazer pedagógico de todas as crianças, pois este trabalho será decisivo no processo de aprendizagem das crianças. Em especial, isso ocorre com aquelas com deficiência, para que possam desenvolver suas habilidades e potencialidades, construindo conhecimentos de forma significativa.

Por fim, o terceiro artigo analisado, dos autores Silva e Dias (2019), aborda as práticas da alfabetização de alunos com deficiência intelectual a partir de metodologias ativas. As metodologias ativas se apresentam como possibilidades flexíveis para adaptações nesse processo. As metodologias ativas colocam os estudantes num papel ativo na construção da aprendizagem, suas características são métodos de ensino de incentivos sintam-se responsável pela busca e levantamento de hipóteses acerca das atividades a serem desenvolvidas pelos

educadores. Uma aprendizagem que estimula a participação dos alunos durante as aulas os envolvem na construção do conhecimento quando relacionados aos desafios cotidianos.

Dessa forma, é possível observar as contribuições do interacionismo, visto que considera o aluno “[...] um sujeito ativo que, para construir seus conhecimentos, se apropria dos elementos fornecidos pelos professores, pelos livros didáticos, pelas atividades realizadas em sala e por seus colegas” (Oliveira, 2010, p. 28)

Portanto, o jogo como metodologia ativa, pode ser um grande aliado na construção da aprendizagem da linguagem escrita, podendo estar associado ao método tradicional ou às metodologias ativas, sendo que um não precisa necessariamente excluir o outro.

Todos os estudantes devem participar de todas as atividades propostas apesar de qualquer dificuldade encontrada. Dessa forma, percebe-se que apesar de não enfatizar a política de educação inclusiva, essa metodologia se mostra inclusiva, ao tratar que todos devem participar e levantar hipóteses acerca do estudo para a resolução das atividades.

O professor que adota essa concepção coloca o estudante como principal responsável pelo processo de ensino aprendizagem e passa a ser corresponsável pelo aprendizado do aluno. A visão interacionista faz com quem o professor entenda a aula como um espaço no qual, a voz do educando deva ser ouvida a fim de constituir-se como sujeito da sua aprendizagem.

Assim tornando o aluno como canal de aprendizagem para os demais colegas e o professor não fica como aquela visão que só ele é o que transmite conhecimento.

O foco deve estar nas potencialidades dos estudantes, com formas alternativas para superar barreiras apresentadas pelos estudantes. Ao buscar estratégias para que o grupo, coletivamente, tome conhecimento dos conteúdos que estão sendo ministrados, a metodologia ativa realiza uma intervenção na realidade vivenciada pelos estudantes.

Então, a partir das leituras feitas dos artigos, as práticas que têm sido desenvolvidas no processo de alfabetização de alunos com deficiência intelectual

indicam a importância de flexibilizar o currículo, tornando-o, assim, mais dinâmico e eficiente. A análise também evidenciou a relevância da psicomotricidade no processo de alfabetização, sendo que muitas das vezes a criança é privada de explorar e vivenciar sua expressão corporal por meio de atividades lúdicas e recreativas. Por fim, o último artigo analisado, que versa sobre as metodologias ativas, demonstra a importância de o aluno ser protagonista do ensino, sendo o construtor do seu próprio conhecimento.

4.2 - A importância das práticas pedagógicas para favorecer o processo de alfabetização de alunos com deficiência intelectual

O primeiro artigo analisado, da autora Guebert (2018), demonstra a importância da alfabetização de alunos com deficiência intelectual, tratando especificamente, sobre as estratégias de ensino utilizadas no ensino regular. A flexibilização do currículo nos possibilita lidar melhor com as dificuldades de aprendizagem dos alunos. É importante tornar o currículo mais dinâmico e atraente para que o aluno sinta mais prazer de aprender determinado conteúdo.

Sempre precisamos focar no aluno que temos em sala de aula e considerar suas especificidades. Dessa forma, todo currículo deve ser pensado e planejado a partir das necessidades específicas dos estudantes, para que todos possam aprender independentemente de suas características ou dificuldades.

Para garantir um processo de escolarização faz-se necessário que os professores realizem escolhas metodológicas e definam quais os recursos didáticos relevantes para a realização do trabalho coletivo, considerando também as características dos estudantes com deficiência em processo de escolarização (BRASIL. MEC, 2007).

As adaptações metodológicas e didáticas devem ser realizadas situando o aluno no grupo a que pertence, por meio de métodos e técnicas de ensino específicas, com a utilização de recursos físicos para realização das atividades propostas que

favoreçam o trabalho cooperativo, com possibilidades iguais de execução. E sempre considerar o grau de dificuldade daquele aluno.

Considera-se ainda que não basta apenas a formação acadêmica aos professores para que incentive a aprendizagem de todos os alunos, mas sim de que o professor realize mediação adequada, potencializando o desenvolvimento e a aprendizagem para todos os envolvidos no processo de escolarização.

O segundo artigo analisado, que tem como autoras Carvalho e Gonçalves (2019), apresenta a importância de as práticas pedagógicas envolverem a psicomotricidade no processo da alfabetização.

A psicomotricidade no processo da alfabetização é um estímulo para que a pessoa com deficiência possa conhecer mais seu corpo, pois, muitas vezes, pelo fato de ter alguma deficiência acaba sendo privada e limitada de explorar e vivenciar sua expressão corporal.

Ao dar início a sua vida escolar, a criança com ou sem deficiência necessita ser estimulada a participar das atividades propostas assim como as atividades lúdicas, em que aprende brincando. Por meio da vivência corporal que ela se integra ao corpo, ao movimento e ao ambiente.

O trabalho de psicomotricidade se revela, neste sentido, como ferramenta indispensável na estimulação de crianças com deficiência intelectual e acima de tudo, para compreender a integração e a articulação psicopedagógica dos diferentes aspectos do desenvolvimento psicomotor relacionados ao processo de aprendizagem escolar.

Por fim, o terceiro artigo analisado, dos autores Silva e Dias (2019), aborda a importância das práticas pedagógicas que favorecem o processo de alfabetização de alunos com deficiência intelectual a partir de metodologias ativas.

As metodologias ativas colocam o estudante como protagonista na construção da sua aprendizagem. É um método incentivador, que torna o aluno responsável pela busca e conhecimento sobre um assunto, ou seja, que ele faça o papel de mediador em determinado dia de aula, ou em alguma disciplina específica.

Ao complementar essa metodologia de ensino, o estudante não fica apenas ouvindo o monólogo de conhecimentos dos professores, tentando assimilar conteúdo apresentados, ele participa das aulas de forma ativa a partir do estímulo à reflexão e ao debate sobre determinado assunto.

As metodologias ativas se caracterizam por colocar o estudante no centro do processo de ensino-aprendizagem, tornando-o construtor do seu próprio conhecimento por meio de um currículo que agrega as diferentes disciplinas, permitindo que ele desenvolva um olhar amplo acerca do ser humano, nas suas relações com a sociedade e com o ambiente. (FREITAS apud SILVA e DIAS, 2015, p. 118)

Essa metodologia desenvolve habilidades sociais, intelectuais, interpessoais e competências que colocam o estudante como protagonista de sua aprendizagem e viabiliza o desenvolvimento da autonomia e confiança em relação aos desafios na sociedade. Assim, o professor aprende com o aluno e vice versa, tornando a sala de aula mais dinâmica e incentivadora para os alunos.

O jogo pode ser usado como metodologia ativa, podendo ser um grande aliado na construção da aprendizagem da linguagem escrita, podendo estar associado ao método de ensino tradicional. Pois estimula a criança a brincar e conseqüentemente já está aprendendo também.

O foco deve estar nas potencialidades dos estudantes, com formas alternativas para superar barreiras apresentadas pelos estudantes. É preciso sempre buscar estratégias para que esse sujeito interaja com grupo e se envolva na atividade, pois a metodologia ativa ajuda nas contribuições da construção do conhecimento de cada aluno.

Então, a partir da análise realizada, evidenciou-se a importância das práticas pedagógicas para favorecer o processo de alfabetização de alunos com deficiência intelectual. Dessa forma, é fundamental tornar a aprendizagem mais atraente para o aluno, sempre buscando estratégias para flexibilização curricular. Além disso, por meio das metodologias ativas tornamos os alunos protagonistas da aprendizagem, oportunizando a aprendizagem com o outro. Por fim, com a psicomotricidade o aluno vai explorar e vivenciar sua expressão corporal por meio de atividades lúdicas e recreativas, o que favorece o processo de construção da leitura e da escrita.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

É preciso buscar alternativas ao desenvolvermos as práticas pedagógicas para alunos com Deficiência Intelectual que estão em processo de alfabetização. Deve-se respeitar o tempo e o estilo cognitivo de cada estudante, pois a aprendizagem é construída aos poucos, e claramente é possível perceber que nem todas as crianças aprendem da mesma maneira, com as mesmas estratégias de ensino.

Esta pesquisa evidenciou a importância das práticas pedagógicas desenvolvidas no processo de alfabetização de alunos com deficiência intelectual. Flexibilizar o currículo torna-o mais dinâmico e eficiente, assim chamando mais a atenção do aluno e o deixando mais envolvido com a atividade. A psicomotricidade também é um fator que contribui no processo de alfabetização, e, muitas vezes, o aluno que possui dificuldade acaba sendo privado de explorar e vivenciar sua expressão corporal por meio de atividades lúdicas e recreativas. Por sua vez, as metodologias ativas, torna o aluno protagonista do ensino, sendo o condutor do seu próprio conhecimento, assim um aprende com o outro, tornando o processo de aprendizagem mais dinâmico e atraente.

Para a minha formação enquanto futura educadora especial, me abriu pensar mais na aprendizagem desses alunos, o que me fez acreditar mais ainda que eles sim sejam pessoas capazes de aprenderem e de se desenvolverem. Claro que cada uma no seu tempo e do seu jeito.

Como um ponto positivo que trago, foi minha experiência com o estágio, onde antes de tudo iniciar, estávamos muito receosas em aderir ao estágio remoto, mas como a pandemia continuou, tivemos que realizar remoto. E estamos muito felizes com o resultado, que estão evoluindo. Como um professor responsável nós disse é muito bom poder trocar ideias e planejarmos junto, pois cada uma tem uma visão e assim juntos realizamos um material muito criativo e que auxilie esse aluno no processo de alfabetização.

Sempre que buscamos algumas alternativas para melhorar o processo de aprendizagem de alunos com deficiência acredito que não vamos ter pontos negativos, apenas pontos positivos. Que com esses pontos abrimos olhares diferenciados, trocamos experiências tanto de professores quanto de alunos. Assim,

com isso junto pensamos em práticas pedagógicas que podem facilitar a aprendizagem desses alunos.

Nesse sentido, é essencial que os professores busquem atualizar seus conhecimentos e repensar suas práticas pedagógicas para que consigam atender às especificidades de seus alunos.

6. REFERÊNCIAS

AAIDD, Association of Intellectual and Developmental Disability. Intellectual disability: definition, classification, and systems of supports/The AAIDD Ad Hoc Committee on Terminology and classification. 11th Ed. 2010.

BRIDI, F. R. de S.; BAPTISTA, C. R. **Deficiência mental: o que dizem os manuais diagnósticos?** Revista Educação Especial, v. 27, n. 49, p. 499-512, maio/ago.2014. Disponível em: <<http://www.ufsm.br/revistaeducacaoespecial>>. Acesso em: 15 out. 2014.

CARVALHO, G. J. ; GONÇALVES, L. M. **Inclusão Educacional: relação entre experiências psicomotoras e o processo de alfabetização de crianças com deficiência intelectual.** HUMANIDADES & TECNOLOGIA EM REVISTA (FINOM) - ISSN: 1809-1628. Ano XIII vol. 15 Jan-Dez 2019

COSTA, K. W. C. **As práticas de alfabetização de duas escolas de ensino fundamental do município de Vitória.** 2010. 241 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Educação, Educação e Linguagens, Vitória, 2010.

FERREIRO, Emilia. **Alfabetização em Processo.** São Paulo: Cortez, 1996. 144p.

GUEBERT, Mirian Célia Castellain. **Alfabetização de alunos com deficiência intelectual: Um estudo sobre estratégias de ensino utilizadas no ensino regular.** Uberaba, MG, p.280-299.

OLIVEIRA, M. F. de. **Metodologia Científica: um manual para a realização de pesquisas em administração.** Catalão: Go, 2011. P.24.

SILVA, E. L da. ; DIAS, N. **Alfabetização de alunos com deficiência intelectual a partir de metodologias ativas.** Revista Educação, Psicologia e Interfaces, Volume 3, Dossiê Inclusão e Diversidade, p. 23-36, 2019.

RIOS, A. dos S. **A prática pedagógica no processo de alfabetização.** Curitiba, 2015.